

## LÚCIA E AURÉLIA MULHERES ANTICONVENCIONAIS

Ana Lea Rosa da Cruz  
(UNIPLI)

### INTRODUÇÃO

Revelar os mistérios e sentimentos que envolvem a alma feminina é tarefa muito difícil. Principalmente para o homem, cujo universo difere ideologicamente do da mulher. E este sempre ditou as regras de seu comportamento na sociedade patriarcal do século XIX. Falar de mulheres cândidas e bondosas que se submetem ao pai e ao marido, como exemplo de virtude, é reproduzir um mundo irreal que tenta manter uma certa ordem, defendendo a moral pública através do pensamento de que a mulher é um ser menos desenvolvido que o homem.

Nesse contexto oitocentista, encontramos, traçados por José de Alencar nos romances *Lucíola* e *Aurélia*, os perfis femininos de Lúcia e Aurélia. São mulheres que encantam pela personalidade forte e, num primeiro momento, anticonvencional, pois fogem aos padrões de comportamento esperado pela sociedade. Construídas a partir da ótica masculina, vão sendo conhecidas por meio de seus “defeitos”, qualidades e valores impostos por essa sociedade burguesa. Essas mulheres serão protagonistas de romances que mostram os vícios de uma sociedade contraditória, que prega a superioridade moral da mulher em relação ao homem, mas que a trata como um objeto sexual de luxo.

Ao propor a análise do perfil de Lúcia e Aurélia, obser-

vando como elas atuam dentro da sociedade Fluminense no século XIX, tentaremos desvendar o modo de José de Alencar conceber e penetrar na alma feminina em conflito na sociedade capitalista, cujos valores vão se modificando com o progresso e com o novo conceito de moralidade. O capitalismo traz a dialética vida pública e vida privada, determinando o espaço e o papel da mulher socialmente.

Tendo como base os romances *Lucíola* e *Senhora* e alguns textos contemporâneos que analisam os perfis femininos em Alencar e o papel da mulher na sociedade, prosseguiremos a análise de Lúcia e Aurélia, mostrando como essas mulheres reveladoras reforçam os ideais românticos ao mesmo tempo que refletem, através do discurso alencariano, as mazelas de uma sociedade que vive da mercantilização da existência humana. A análise pretende deixar clara a posição de Alencar em relação aos sentimentos femininos, na forma como apresenta o amor. Este é capaz de se submeter à vilania e à corrupção econômica, mas se faz forte bastante para superar toda e qualquer dificuldade. Assim, o valor mais alto, que é o amor, permite tanto a Lúcia quanto a Aurélia conhecerem a si mesmas através do outro – Paulo e Fernando – estabelecendo a ordem da sociedade patriarcal.

### PERFIS FEMININOS: LÚCIA E AURÉLIA

A partir do desenvolvimento do capitalismo, a mulher passa a ter uma nova função social, além da de mãe e esposa. Administra a casa e as amas que cuidam das crianças. Organiza reuniões, e incentiva o marido a novas conquistas. A dicotomia vida pública e vida privada marca, então, uma nova fase para homens e mulheres que começam a vivenciar uma situação de dependência: a mulher, a dependência do lar e o homem, a da produção de bens. A mulher, entretanto, ocupa a posição de dependente absoluta, cabe-lhe propiciar a infra-

estrutura para o homem ser bem sucedido nos negócios, na vida pública.

Essa nova função, ocupando seu tempo ocioso, dá-lhe a sensação de liberdade, pois adquirira algum poder. Liberdade aparente, porque dependia das condições financeiras do marido, a quem deveria permanecer submissa para alcançar algum prestígio na sociedade.

Não podemos dizer, ainda, que a mulher tivesse conseguido uma posição realmente significativa, pois continuava sendo vista como objeto. A mulher romântica, dotada de beleza sem igual, cumpre sua tarefa de receber e fazer visitas, frequentar óperas, teatros e festas, onde revela toda sua sensualidade através das roupas e jóias que usa, ostentando a riqueza familiar sem ferir, porém, a moral dominante.

Nesse contexto, encontramos os romances *Lucíola e Senhora*, escritos por José de Alencar, cujas personagens femininas ganham nova roupagem ao desnudar os valores de uma sociedade hipócrita que age de acordo com a moral e costumes que lhe convêm. E, para desmascará-la, nada melhor que duas mulheres atuando de maneira inversa ao que se espera delas. Quebram, de certa forma, o tabu de que a mulher traz na alma e no corpo qualidades inatas como pureza, bondade, simpatia, abnegação, ternura, amor, veneração e santidade. E, por ser dotada de tantas qualidades, acaba perdendo sua individualidade, já que vai viver para servir o outro.

Lúcia e Aurélia representam a consciência dessas relações arbitrárias impostas à mulher na sociedade oitocentista, embora acabem reforçando essa ideologia vigente. Podiam se impor, se desligar de tudo e se tornar independentes dessa sociedade, pois tinham seu próprio dinheiro, eram inteligentes e bonitas. Só se realizavam, porém, na submissão ao ser amado, resgatando, no romance romântico, os valores da sociedade patriarcal. O sentimento amoroso, que contraditoriamente esta

sociedade relega a segundo plano, faz com que essas figuras femininas tão dominadoras se ajustem a uma posição moral e social que delas se espera.

Mulheres belas, jovens de alma enigmática, são capazes de seduzir e encantar qualquer homem com seus trajes ora luxuosos e exuberantes, ora simples, de tecidos leves, armas permitidas no jogo da sedução. No entanto, não são admiradas e endeusadas da mesma forma: ganham olhares e considerações distintos. Mesmo despertando todo o prazer que o corpo de uma jovem de dezoito e dezenove anos pode oferecer, Aurélia é virgem e moça de família e, ainda que fosse desejada como Lúcia, certamente seria tocada com pudor pelas mãos do homem amado. Até porque, segundo as leis da época, a mulher tem sua sexualidade menos desenvolvida que o homem:

A formosa moça trocara seu vestuário de noiva por esse outro que bem se podia chamar traje de esposa; pois os suaves emblemas da pureza imaculada, de que a virgem se reveste quando caminha para o altar, já se desfolhavam como pétalas da flor do outono, deixando entrever as castas primícias do santo amor conjugal. (ALENCAR, 1983: 89)

Lúcia, ao contrário de Aurélia, teria a oferecer mais prazer do que amor, sem vestir o manto da santidade ou desrespeitar o lugar sagrado, reservado ao “amor conjugal” – o lar. Por ser uma cortesã, não tem as mesmas responsabilidades que a mulher casada e seu espaço é o da rua, já que ganha seu sustento com a venda do seu corpo. Abdica também de sua individualidade, pois satisfaz os desejos daqueles que a procuram, despertando o prazer do pecado, *da concupiscência da carne manifestada tanto no olhar que desnuda a corporiedade, como no corpo que se exhibe ao olhar*. (PORTIERE, 1988: 39)

Ao criar Lúcia e Aurélia, José de Alencar provoca a sociedade da época, que vive em função do dinheiro em detrimento do amor. A estratégia de colocar mulheres portadoras de um discurso moralizante reforça a idéia vigente de que a mulher é moralmente superior ao homem. Lúcia, apesar de se

entregar aos prazeres da carne, traz a dor, o peso do desprezo da família que salvou vendendo seu corpo; acaba se regenerando e tem seu próprio código de honra: não se entregar nunca mais ao seu algoz, o Couto. Aurélia, por sua vez, condena o casamento por dinheiro e a sociedade que se utiliza deste para corromper as pessoas. Contudo, essas mulheres refletirão as contradições dessa sociedade que exige delas a manutenção da moral, mas que as expõe como objetos de luxúria, despidas de pureza e castidade, simbolizando o desejo de serem possuídas.

É interessante notar que a linguagem usada por Alencar é cheia de imagens sensuais para descrever as duas moças e revela não só a diferença de posição social, como também o mundo do prazer. Aurélia, ainda que se mostre sedutora e impetuosa como uma bacante, tem o corpo resguardado, porque é virgem e seus sentimentos estão mais espiritualizados que corporificados. E intenciona, ao ostentar a sua riqueza, aviltar as pessoas da sociedade que consentem o casamento por dinheiro e que a bajulam sem nenhum escrúpulo. Oculta, assim, as qualidades próprias das moças castas e puras, sem perder, porém, sua dignidade, porque mantém a virgindade do corpo. Com Lúcia ocorre o inverso. Mantém intimidade com Paulo, que já sabe ser ela uma cortesã e vai à casa da moça em busca do prazer. No entanto, com uma linguagem sensual, sem ser picante, Paulo a descreve como uma menina, símbolo da inocência, que é o estado anterior ao pecado, escondendo, através das palavras, o mercado do prazer. Dessa forma, Alencar tematiza, como diz Valéria de Marco (1986: 164), *o vício com a linguagem da decência*, criando uma atmosfera de suspense em relação ao sentimento amoroso.

A sociedade, indiferente ao sofrimento de Lúcia e à sua luta para salvar a família, joga-a ao mundo dos negócios escusos, a venda do corpo. A partir desse momento, a menina, pura que era, assume uma nova personalidade, enterrando a doce e meiga Maria da Glória. Com nova identidade, Lúcia tenta se

adaptar ao novo mundo e usa sua beleza com altivez e avareza para sobreviver. Mas as suas lembranças e seu coração bom e puro não são tocados por nenhum homem, que pode até possuir o seu corpo, nunca sua alma. Paulo aparece em sua vida como um salvador, só ele consegue enxergar a pureza da sua alma, só ele a vê de forma diferente da dos outros homens. O seu salvador, porém, não a assume nunca publicamente, nem no momento em que ela resgata sua verdadeira identidade, ao final do romance. Ele a ama, mas não verbaliza esse amor e, quando o faz, já é muito tarde. Lúcia também não exige nada desse homem que ama, porque sabe que a vida de uma mulher é a sua honra e, se não a tem mais, não precisa viver.

Curioso, ainda, é que depois de abandonar a prostituição, Lúcia faz questão de não ter mais nenhuma intimidade com Paulo. Ao se castigar dessa forma, sublima a relação amorosa dos dois. Para se punir mais ainda, afasta-se de tudo e de todos, não seria mais possível viver nos lugares ricos do Rio de Janeiro, que representavam sua degradação. Então, sai da cidade, indo morar numa casa humilde, em Santa Teresa.

Lúcia, embora forte e corajosa, desce ao inferno. É um caminho sem volta, acredita que para ela não existe perdão. Foi uma devassa, ordinária, que não tinha amor próprio e se expunha de tal maneira que assustava até mesmo as outras cortesãs. Encontra no seu amor por Paulo forças para recuperar a dignidade da alma intocada, *a virgindade do coração*, como diz Lúcia (ALENCAR, [s/d.]: 216), se desprendendo do dinheiro e da vida mundana. Não encontra, porém, forças para começar uma vida nova ao lado de Paulo. As cortesãs não podiam, segundo as normas sociais, ser felizes, abençoadas com o matrimônio e a maternidade.

As atitudes de Lúcia se explicam, no dizer de Luís Filipe Ribeiro (1996), porque o escritor – Alencar – dará vida a sua personagem segundo suas vivências e a da sociedade em

que vive, sem ferir os padrões vigentes, apesar de “denunciar a falsa moral vigente” (*id.*, p. 92).

A cortesã avarenta, promíscua, sedutora e lasciva, que também usa os homens como quer, é inadmissível na época, porque depõe contra a função natural da mulher. Para as mulheres do século XIX, Lúcia representaria a coerção que uma mulher deve sofrer por entregar o corpo como uma mercadoria, por isso seu destino é a morte, já que se afastou dos padrões aceitos de moralidade. Nesse sentido, a mulher oitocentista deve perceber que, sendo ela guardiã da moral, não pode esquecer do seu papel na sociedade: a de mantenedora da ordem familiar.

Treze anos após criar Lúcia, história contada por uma senhora G.M., Alencar assina seu primeiro perfil feminino, Aurélia, ainda que afirme ser apenas o editor de *Senhora*. Suas preocupações com a crítica e com a manutenção dos padrões morais vigentes continuam. Inquieto com as questões como dinheiro, sentimento, família, nacionalidade, que permeiam sua existência, cria, então, segundo Pontieri (1988: 17), *sua filha mais ardilosa*, a qual *se mostra em constante metamorfose*. Enigmática e ambígua, Aurélia não se deixa revelar por inteiro, sua intimidade é preservada o tempo todo. Sua entrega total, de corpo e alma, só ocorre após o fechamento das cortinas, ao consumir o casamento, e ela retomar, então, seu lugar sagrado de mãe e esposa dedicada.

Prima distante de Medeia, Aurélia se desvencilha dos comportamentos sociais impostos à mulher e trama sua vingança contra Seixas, representante das relações do mundo capitalista em que vivem. Assim, castiga-o por todo o sofrimento que lhe causou. Orgulho ferido por ter sido abandonada, trocada por dinheiro; Aurélia, agraciada pelo destino com uma herança, detentora, portanto do capital, pode pôr em prática sua vingança: faz sofrer, humilha o homem que destruiu mais que seus sonhos, seus sentimentos. Talvez Aurélia seja a “filha

mais ardilosa” de Alencar porque não esconde sua sede de vingança, o que, na cultura cristã, é um tabu, pois a vingança pertence ao Senhor.

Aurélia, assim como Medeia, desperta a simpatia do público leitor, porque aparece como vítima dos privilégios da sociedade masculina da época. A situação de inferioridade da mulher desperta em Aurélia a consciência de que sua dignidade e direitos são lesados por Seixas. Ela não tinha mãe, estava sozinha no mundo, e o casamento com Fernando seria a possibilidade de construir uma nova família, que lhe daria estabilidade; ele, porém, a troca por trinta contos de réis. Mais que humilhá-la, Seixas mata o que ela tem de mais puro: o seu amor.

Alencar dá voz a Aurélia, que apresenta a situação das mulheres da época; são mercadorias, seres descartáveis a qualquer momento. Essa consciência da mulher objeto é revelada, também, por Eurípidés, quando Medéia se dirige às mulheres de Corinto, expondo a elas as verdadeiras intenções dos homens e a condição delas aceitarem tudo passivamente:

De todos os seres que vivem e pensam somos nós, as mulheres, as criaturas mais sofredoras. Primeiro temos de dar muito dinheiro para comprar um marido e dar um dono a nosso corpo - mal ainda pior que o primeiro. (EURÍPIDES, p. 21)

Magoada e ultrajada como Medeia, Aurélia inverte sua situação e compra Seixas por cem contos de réis. Mas não lhe entrega seu corpo e ainda faz com que ele venda sua alma. Humilha-o de todas as formas e mente para a sociedade, que pensa ser seu casamento bem sucedido, causando inveja a todos. Repudia Seixas e faz dele seu prisioneiro, colocando-o no lugar do feminino / passivo, já que é ela quem possui a fortuna do dinheiro.

O dinheiro não muda a personalidade de Aurélia, pois sempre foi forte, dedicada, inteligente e ativa. Escondia, porém, da sociedade, todas essas qualidades, eram consideradas

defeitos pelo patriarcado. Quando se sente esfoliada, permite que a Medeia que existe dentro dela aflore e se utilize, então, dos mesmos meios da sociedade: o dinheiro. Este servirá como instrumento de opressão àquele que trocou seu puro amor por trinta contos de réis. Poderosa, paga mais que o triplo para ter a seus pés o objeto de sua adoração.

Com o desenvolver da narrativa, as suas verdadeiras intenções vão sendo desnudadas. Aurélia não é nem um pouco sanguinária como Medéia, pelo contrário, se mantém lúcida o tempo todo, “resiste aos impulsos da própria paixão” (ALENCAR, 1983: 8). Entretanto, trama passo a passo sua vingança; finge, mente e engana para fazer com que seu esposo pague todo o mal lhe causou, sem, no entanto, ser indigna da compaixão humana, porque é vítima da sociedade hipócrita do Rio de Janeiro. Deixa Seixas intrigado, perplexo com suas atitudes, principalmente quando estão a sós e pode tirar a máscara de boa esposa. A mulher doce e meiga se dissipa e se transforma numa mulher diabólica, capaz de proferir palavras insanas e cometer os atos mais ínfimos.

Os tempos, porém, são outros e Aurélia, como boa moça, recupera, junto com Seixas, seu amor próprio e sua dignidade, através do entendimento que Seixas tem sobre si mesmo: “... ensinavam-me que o casamento era meio legítimo de adquirir-la [a riqueza], como herança e qualquer honesta especulação.” (*id.*, p. 167)

O homem que ama aprendera com ela a lição. Repellido e expurgado do meio deles, o dinheiro, agora pode haver a concretização do amor. Aurélia se coloca no seu lugar, não é mais dona do dinheiro e nem de si mesma, como deve ser, de acordo com os modelos sociais vigentes, e implora o perdão de Seixas. Assim, faz o caminho inverso de Medeia, converte-se numa esposa dócil e recatada, legitimando os padrões românticos de idealização amorosa.

## CONCLUSÃO

Percorrer os caminhos seguidos por Lúcia e Aurélia é descobrir junto com Alencar os valores trazidos pela burguesia do século XIX. A mulher de família ficaria o espaço privado – a casa – lugar sagrado, dos bons exemplos, para se criar os filhos e manter a ordem; enquanto o espaço público fica reservado para a expansão e consolidação do mercado e do capital, ou seja, para o homem e, conseqüentemente, é também o espaço da cortesã que vive da prática comercial do corpo.

Ao criar duas personagens fortes, distintas, porém, pela separação de classe social e de tempo (*Lucíola* – 1862 / *Senhora* – 1875 ), Alencar, com uma visão ampla da sociedade e do ser humano, reflete as contradições do novo mundo romântico. Lúcia e Aurélia representam, nesse sentido, a liberação das mulheres de suas obrigações sociais e se opõem à imagem da mulher, pura, dócil, retraída e sem vontade própria. Aurélia, mais que Lúcia, rompe as barreiras das aparências, pois é uma mulher de sociedade e assume o controle do capital sem se apoiar na figura masculina.

Alencar, apesar de dar voz a essas mulheres, seres humanos considerados inferiores, não rompe com os ideais românticos de beleza e padrões rígidos da moral no que tange à mulher. Reforça, assim, a imagem negativa de Lúcia com a morte. Para os padrões morais da época, não há perdão para a prostituta. Já Aurélia recupera-se de sua imagem negativa, assumindo sua feminilidade, abrindo mão de gerir o capital e volta para as suas funções de dona de casa, simbolizando a sublimação mais perfeita do instinto e do amor.

Dessa forma, Alencar, conservador, condena o progresso da cidade urbana e seus novos valores e reeduca suas personagens a fim de reencontrar valores mais profundos que o dinheiro e sua mercantilização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José. *Lucíola*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s/d.].
- . *Senhora*. São Paulo: Ática, 1991.
- CANDIDO, Antônio. *Os três Alencares*. —. Formação da Literatura Brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.
- MARCO, Valéria de. *O império da cortesã: Lucíola, um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- POTIERI, Regina Lúcia. *A voragem do olhar*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- EURÍPEDES. *Medeia*. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, [s/d.].
- RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.